

Roma e o Evangelho

PARTE PRIMEIRA

A RAZÃO EM BUSCA DA FÉ

I

Os nossos propósitos. A razão. A verdade, a ciência e a religião. Buscai e achareis.

Deus, que conhece os nossos mais íntimos pensamentos, sabe quanto são bons os propósitos e sinceros os desejos que nos movem a publicar o presente trabalho, fruto de um maduro estudo e de uma imparcial observação.

Dedicados de boa fé, com a melhor boa fé, ao movimento intelectual que vem agitando as consciências e as sociedades, sob o pálio das liberdades que nos trouxe o movimento político, a brisa revolucionária, empreendemos procurar a razão das nossas crenças religiosas, com ânimo firme de robustecê-las e afirmá-las pela força da convicção, e de purificá-las em tal caso, ou de substituí-las, se chegássemos á convicção oposta de alimentarmos erros.

Bem sabemos que este nosso atrevimento será, por alguns, qualificado de orgulho satânico — de revolta

ou espírito de independência, censurado e condenado pela igreja; dêsses tais, porém, apelaremos para o senso comum, para a consciência universal — e, em último caso, para a suprema Justiça, não nos acobardando nem retrocedendo ante uma qualificação gratuita e caprichosa.

A razão é um atributo, um dom, concedido aos homens pelo Altíssimo. E, do mesmo modo que os olhos do corpo nos foram dados para abriremô-los á luz, a razão, que é a vista da alma, nos foi concedida para buscarmos a luz da verdade, que é o pão do espírito.

Porventura a creatura racional procura a razão, não como luz, que mostre os perigos, mas como perigo, como obstáculo — como ameaça?

Porventura o Sumo Legislador estabeleceu o feudalismo intelectual — a escravidão da razão á razão — da inteligência á inteligência?

Onde estará o orgulho — onde a soberba? Estará nos que, reconhecendo-se pequenos e falíveis, empregam a maior atividade em descobrir algum raio de luz da verdade que desce das alturas, — ou nos que alardeiam possuir em depósito a verdade inteira e absoluta, e negam aos outros o direito de procurá-la?

A verdade absoluta é una e indivisível — é Deus.

Todas as manifestações da verdade procedem do mesmo fóco, do mesmo centro: a divina substância. Quem busca a verdade, busca a Deus.

A ciência e a religião são manifestações da verdade absoluta; emanam de Deus e voltam a Deus.

A religião é a ciência, e a ciência é a religião; são, permita-se-nos a expressão, o fio condutor que comunica a creatura com o Creador.

A ciência que não conduz a Deus, é falsa — a religião que não marcha com a ciência, não é verdadeira religião.

Pois bem: o que temos procurado é, na ciência, os fundamentos da nossa religião — da religião que nos transmitiram os nossos maiores e que aceitamos de olhos fechados, sem a conveniente reflexão.

O que temos pretendido, é sancionar o sentimento pela convicção — e a fé pelo estudo!

“Buscai e achareis — batei e abri-se-vos-á — pedi e dar-se-vos-á”, disse Jesús (1).

Fomos *buscar* uma luz, que desvanecesse as dúvidas que de vez em quando nos assaltavam sobre o destino das almas; fomos *bater* á porta do santuário, onde tem assento a verdade; — *pedimos* fervorosamente o auxílio de Deus, em nossas debilidades e misérias. Que mal póde haver nisto? Podemos ser censurados?

Podemos estar em êrro — póde-nos cegar alguma preocupação imperceptível; mas, se nos é lícito dizer o que sentimos, não podemos deixar de declarar que, em nosso conceito, o que a maior parte, a maioria dos católicos tem pedido há muitos séculos, é o esquecimento do conselho ou preceito evangélico que ficou acima apontado.

Temos *buscado* — temos *batido* — temos *pedido*

(1) E rogo que a vossa caridade abunde mais e mais em ciência e em todo o conhecimento, para que aproveis o melhor e sejais sinceros e sem tropeços no dia do Cristo. (S. Paulo aos filip., cap. I, vers. 9 e 10).

Examinai tudo e abraçai o que fôr bom. (Idem aos tess. cap. I, vers. 21 da Epist. II).

para os outros, deixando a outros o cuidado de buscarem — baterem — e pedirem por nós.

II

Motivo da nossa iniciativa em matérias religiosas.. A fé cega.

Para os que têm o consolo de crêr em Deus e na imortalidade do Espírito, a salvação da alma é o que há de maior monta — a única coisa verdadeiramente importante.

E, se nos assuntos transitórios, como podemos chamar os que se referem ao nosso bem estar puramente temporal, não nos confiamos a mãos estranhas e queremos intervir e assegurar-nos por nós mesmos da sua gestão e resultados, não é censurável, antes é de justiça, de prudência e de razão que, tratando-se do estado ulterior das almas, que nos tem sido apresentado como definitivo, procuremos adquirir diretamente a necessária certeza, quando nô-la possa dar a luz da nossa razão.

Bom é que cada um desconfie prudentemente de si próprio e renda á autoridade dos doutores da igreja a homenagem de respeito que merecem nas questões religiosas; mas, daí á abdicação completa do critério individual, vai enorme distância.

Bom é, nas excursões científicas, seguir as pégadas dos sábios; nunca, porém, com uma venda nos olhos, pois o cego não pôde compreender a beleza dos fenômenos

que o seu guia lhe descreve, nem evitar o abismo em que um e outro podem precipitar-se, pelas distrações e abstrações daquele.

Queremos salvar-nos, e a salvação parece-nos arriscada quando a alma cerra os olhos para procurá-la. Por isso, procuramos abrí-los, seguros de que a religião e a moral verdadeiras nada podem temer da ciência; temos pedido á ciência: a verdade da moral e da religião em que nos educaram, a confirmação do catolicismo romano, da igreja em que se formaram as nossas crenças.

Obedecia esta conduta ao desejo de encontrar motivos para combater os fundamentos religiosos que nos legaram nossos pais? Não, certamente. Tínhamos tido momentos de dúvida, de incerteza, de ansiedade, relativas á questão capital do destino ulterior do homem, momentos que, bem a nosso pesar, se reproduziam e nos fustigavam frequentemente; e, como a fé cega não bastava para tranquilisar-nos, corrêmos a buscar armas com que robustecêssemos a nossa fé e fizêssemos face aos assaltos da dúvida (1).

É mui cômodo dizer *crede*; é sumamente difícil crêr o que a razão não aceita.

Em vão se esforçarão os médicos por persuadir ao enfermo que a sua saúde melhora, se êste cada dia se sentir mais debilitado e abatido.

Que se diga *crê* ao mesmo tempo que se recomende o estudo das crenças impostas, isto sim, compreende-se; mas, impôr a fé e negar o direito de lhe procurar os

(1) Mateus, cap. VII, vers. 7.